

CAPÍTULO 1

HOMENS SURDOS E PROCESSOS DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA: EXPERIÊNCIAS, CULTURAS, MASCULINIDADES E PERTENCIMENTOS



<https://doi.org/10.68044/xe14tm71>

Murilo Rocha Nunes ¹

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Mauricio Damasceno Souza ²

Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professor efetivo do Instituto de Letras da UFBA.



Taynan Alécio da Silva ³

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



RESUMO: Este artigo analisa os processos de formação identitária de homens surdos, considerando a articulação entre experiências visuais, cultura surda, Libras, masculinidades e pertencimentos comunitários. De caráter teórico-bibliográfico, o estudo dialoga com pesquisas sobre identidade surda, cultura, sociabilidade, gênero, heteronormatividade, relações afetivas e interseccionalidades. Argumenta-se que a identidade de homens surdos não pode ser compreendida como categoria homogênea, pois se constitui em relações sociais atravessadas por língua, geração, raça, sexualidade, classe, território e trajetórias educacionais. A Libras e a convivência com pares surdos aparecem como dimensões centrais de reconhecimento, produção de subjetividade e fortalecimento do pertencimento. Ao mesmo tempo, normas hegemônicas de masculinidade podem produzir hierarquias entre diferentes modos de ser homem, inclusive no interior das práticas linguísticas. Conclui-se que pensar masculinidades surdas exige reconhecer pluralidade, diferença e agência, valorizando experiências comunitárias capazes de ressignificar identidades e ampliar formas de existência, resistência e participação social em diferentes contextos sociais e culturais.

Palavras-chave: Homens surdos; Identidade surda; Masculinidades; Pertencimento.

INTRODUÇÃO

A formação identitária de homens surdos constitui um campo de análise que exige superar leituras que tratam tanto a surdez quanto a masculinidade como experiências universais, fixas ou homogêneas. A condição de ser homem e ser surdo é produzida em relações históricas, linguísticas, culturais, afetivas e políticas, nas quais diferentes marcadores sociais se articulam. Desse modo, compreender tais processos implica considerar a centralidade da Libras, as experiências visuais, a participação em comunidades surdas, as trajetórias educacionais e profissionais, os vínculos familiares e de

amizade, bem como as normas sociais que definem quais condutas, corpos e performances são reconhecidos como masculinos. A identidade, nessa perspectiva, não é um atributo isolado do indivíduo, mas uma construção relacional que se reorganiza no contato com o outro e com os espaços sociais em que o sujeito circula.

Os Estudos Surdos têm contribuído para deslocar a surdez do campo exclusivo da deficiência e da normalização para perspectivas que reconhecem a diferença linguística e cultural. Nesse deslocamento, a língua de sinais deixa de ser compreendida como recurso auxiliar e passa a ocupar lugar estruturante na constituição subjetiva, na produção cultural e no pertencimento coletivo. Pereira *et al.* (2025, p. 245-247) ressaltam que a Libras participa da construção de significados, da cognição e da identidade, enquanto o contato com a comunidade surda favorece uma subjetividade positiva. Esse entendimento é particularmente relevante para pensar homens surdos, pois permite examinar como formas de ser homem são negociadas dentro de universos visuais e sinalizados, e não apenas a partir de modelos construídos por referenciais ouvintes.

A discussão torna-se ainda mais complexa quando se considera que masculinidade não corresponde simplesmente ao sexo ou à identidade de gênero. Trata-se também de um conjunto de expectativas sociais que atribui valor a determinadas posturas, gestos, expressões, sexualidades e modos de ocupar espaços. Oliveira e Stella (2025)

demonstram que valores heteronormativos podem circular inclusive por sinais da Libras utilizados para nomear homens cisgêneros heterossexuais e gays, associando a figura do homem heterossexual a firmeza, correção e força, ao mesmo tempo que formas não hegemônicas de masculinidade podem ser representadas por sentidos de fraqueza ou desvio. A linguagem, portanto, não apenas descreve identidades: ela participa da produção e da hierarquização de modos de existência.

Entretanto, reduzir a experiência de homens surdos às pressões da masculinidade hegemônica produziria outra forma de simplificação. Os materiais analisados evidenciam que a comunidade surda também é espaço de criação, cuidado, reconhecimento, resistência e sociabilidade. Estudos sobre amizade entre adultos surdos mostram que a fluidez comunicacional em Libras, o compartilhamento de experiências e o reconhecimento cultural fortalecem vínculos, autoestima e pertencimento (Ildebrand; Souza, 2026). Do mesmo modo, pesquisas sobre Deaf Gain destacam a experiência surda como fonte de conhecimento, potência cultural e produção de relações pautadas pela coletividade e pelo afeto (Martins; Martins; Lima, 2025). Tais dimensões permitem compreender que a identidade masculina surda não é formada somente pela oposição a normas excludentes, mas também pela criação de referências próprias e por redes de convivência que dão sentido positivo ao ser surdo.

A pluralidade interna da comunidade surda reforça a necessidade de uma abordagem atenta às interseccionalidades. Dutra e Martins (2025, p. 220) chamam atenção para o risco de homogeneizar sujeitos surdos e assinalam a importância de aprofundar investigações nas interseções entre surdez, gênero, geração, etnia e classe social. Barros, Pereira e Reis (2024), ao analisarem experiências de pessoas negras surdas, demonstram que processos de reconhecimento racial e de pertencimento não se desenvolvem automaticamente, podendo ter ritmos e espaços de fortalecimento diferentes daqueles ligados à identidade surda. Essa constatação ajuda a perceber que homens surdos podem vivenciar simultaneamente pertencimentos e tensões relacionados à raça, sexualidade, classe, território, idade e trajetória escolar.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar os processos de formação identitária de homens surdos a partir das articulações entre experiências, cultura surda, masculinidades e pertencimentos. O texto possui caráter teórico-bibliográfico e mobiliza estudos encaminhados como corpus de consulta, priorizando trabalhos que discutem identidade surda, cultura, Libras, sociabilidade, gênero, heteronormatividade, relações afetivas e interseccionalidades. A análise é organizada em cinco eixos no interior do referencial teórico: identidade e diferença; Libras, cultura e pertencimento; masculinidades e gênero; sociabilidades e afetos; e

pluralização das identidades masculinas surdas. O propósito não é estabelecer um modelo de “homem surdo”, mas evidenciar justamente a impossibilidade de uma definição única, defendendo uma compreensão relacional, histórica e plural desses processos.

REFERENCIAL TEÓRICO

As discussões contemporâneas sobre identidade surda partem de uma crítica às perspectivas que restringem a surdez à ausência auditiva. Ao deslocar o foco do déficit para as formas de experiência, linguagem e cultura, torna-se possível reconhecer sujeitos surdos como participantes de coletividades que produzem valores, memórias, práticas e conhecimentos próprios. Ribeiro e Carvalho (2025, p. 121-124) situam as comunidades surdas como espaços de encontro, reafirmação cultural e luta por direitos linguísticos, destacando que a experiência visual e a língua de sinais participam diretamente da constituição das identidades. Assim, a identidade surda não antecede as relações sociais; ela ganha forma no decorrer das interações, das disputas de representação e das possibilidades de identificação oferecidas ao sujeito.

Essa concepção relacional permite compreender que o encontro com outros surdos pode modificar a maneira como um homem interpreta a própria trajetória. O contato com pares sinalizantes, professores surdos, lideranças, associações, espaços

acadêmicos e produções culturais amplia repertórios de identificação e pode produzir uma leitura da surdez que se afasta da inferiorização. O reconhecimento não ocorre necessariamente de forma linear ou igual para todos. As experiências familiares, o acesso precoce ou tardio à Libras, a escolarização, o território e a presença de comunidades surdas próximas criam condições distintas para que cada sujeito construa significados sobre si. Por isso, falar em identidade implica falar também em processos de identificação, deslocamentos e negociações.

Bezerra, Alves e Alves (2025) enfatizam que a identidade é construída em relação à diferença. Retomando uma formulação de Woodward, as autoras mostram que identidades se constituem em contraste com outros grupos e posições sociais. Em citação de citação, Woodward afirma que elas são formadas “relativamente a outras identidades, relativamente ao ‘forasteiro’ ou ao ‘outro’” (Woodward, 2014, p. 50 *apud* Bezerra; Alves; Alves, 2025, p. 397). No caso de homens surdos, essa relação pode aparecer tanto na comparação com homens ouvintes quanto no contato com diferentes sujeitos surdos, produzindo aproximações, distinções e reinterpretações acerca da masculinidade, da língua, do corpo e do pertencimento.

A identidade masculina surda, portanto, não deve ser pensada como simples soma de duas categorias - “homem” e “surdo”. A experiência resulta da articulação entre marcadores que se

transformam mutuamente. As expectativas sociais dirigidas aos homens podem assumir sentidos específicos quando atravessadas por barreiras linguísticas, escolarização oralista, ausência de acessibilidade, experiências de capacitismo ou participação em ambientes sinalizados. Do mesmo modo, a experiência surda é vivida de maneiras diferentes conforme raça, sexualidade, classe, geração e região. Tal perspectiva evita tratar a comunidade surda como unidade sem conflitos internos e impede que a masculinidade seja tomada como um padrão natural e universal.

Ribeiro e Carvalho sintetizam a relação entre cultura, ressignificação da surdez e pertencimento ao indicar o papel dos grupos e das instituições surdas na construção identitária:

Ainda conforme Rangel e Stumpf (2012) as pesquisas acadêmicas denominadas Estudos Culturais vêm contribuindo para o entendimento que visa às mudanças na concepção de cultura, orientando e estruturando o processo de resgate e afirmação de culturas e de identidades surdas. Dessa forma, os grupos surdos dão outro significado à surdez, representando-a como uma diferença cultural, propiciando ao sujeito surdo um forte sentimento de pertencimento, que o envolve no contexto social e o torna parte de um grupo que reúne pessoas, práticas identitárias e instituições sociais. (Ribeiro; Carvalho, 2025, p. 124).

O trecho evidencia que pertencimento não se limita a uma percepção subjetiva. Ele depende de práticas compartilhadas, instituições, formas de comunicação e espaços onde a diferença pode

ser nomeada positivamente. Para homens surdos, esse ponto é decisivo: o processo de tornar-se sujeito de uma cultura e de reconhecer-se em uma coletividade oferece condições para questionar imagens sociais que associam surdez a dependência, incapacidade ou ausência. Ao mesmo tempo, a entrada em espaços comunitários não elimina outras normas sociais. Pelo contrário, também nesses espaços circulam valores de gênero, raça e sexualidade, o que torna a formação identitária um processo simultaneamente afirmativo e tensionado.

A noção de Deaf Gain amplia esse deslocamento ao propor que a diferença surda seja entendida em termos de contribuições cognitivas, culturais e relacionais, e não como perda a ser compensada. Martins, Martins e Lima (2025) mostram, a partir de narrativas de pessoas surdas, que o reconhecimento da diferença pode produzir consciência identitária, produção de saberes e fortalecimento comunitário. Em vez de imaginar uma identidade fundada na falta, essa perspectiva ressalta formas específicas de perceber, comunicar, criar e conviver. Aplicada ao debate sobre homens surdos, ela permite considerar como masculinidades podem ser reconstruídas quando o corpo surdo deixa de ser percebido como corpo insuficiente e passa a ser reconhecido como corpo produtor de linguagem, experiência e conhecimento.

A Libras ocupa posição central nos processos de formação identitária porque cria condições de expressão, reconhecimento e

circulação de experiências que não dependem da adaptação constante à modalidade oral-auditiva. Pereira *et al.* (2025, p. 242-247) demonstram que a língua de sinais participa da construção da autoimagem, das relações sociais e da cultura, constituindo uma mediação fundamental entre sujeito e mundo. Quando homens surdos encontram espaços em que podem sinalizar livremente, contar suas histórias, construir humor, discutir política, compartilhar conflitos e expressar afetos, a língua funciona também como território simbólico de pertencimento.

O pertencimento linguístico adquire importância especial porque muitos sujeitos surdos convivem em ambientes nos quais são minoria e precisam negociar continuamente formas de comunicação. Em famílias ouvintes, escolas não bilíngues, serviços públicos ou locais de trabalho, a interação pode exigir leitura labial, português escrito, mediação de intérpretes ou adaptações improvisadas. Já em ambientes em que a Libras é compartilhada, a relação pode ocorrer com maior espontaneidade e reciprocidade. Isso não torna todas as relações entre surdos automaticamente harmoniosas, mas modifica as condições de interação, permitindo que a comunicação visual deixe de ser exceção e passe a ser a norma do encontro.

Pereira *et al.* (2025, p. 245) afirmam que a língua de sinais é mais do que um sistema comunicativo, sendo um pilar da identidade, da cultura e da expressão. O argumento ajuda a compreender por que

políticas linguísticas, acesso educacional e convivência com pares têm efeitos identitários. A aquisição de uma língua compartilhada possibilita nomear experiências, interpretar conflitos e participar de narrativas coletivas. Para homens surdos, esse repertório pode incluir discussões sobre trabalho, paternidade, sexualidade, corpo, relacionamento, violência, cuidado e expectativas de masculinidade, temas que ganham sentidos específicos quando elaborados em uma língua visual-espacial e em redes comunitárias.

As associações de surdos constituem um exemplo histórico desses espaços. Silveira, Branco e Macario (2025, p. 134-136) destacam que associações funcionam como lugares de interação entre pares, práticas esportivas, cursos, palestras em língua de sinais e contato de crianças surdas com adultos surdos como referências. Para a formação identitária masculina, a existência de adultos surdos visíveis é relevante porque oferece modelos diversos de vida que rompem com a ideia de que o futuro do sujeito surdo deve ser imaginado apenas a partir de padrões ouvintes. Nessas redes, experiências geracionais podem circular e produzir memória, pertencimento local e repertórios de ação coletiva.

Pertencer a uma comunidade, contudo, não significa abandonar outras pertenças. Um homem surdo pode simultaneamente se reconhecer em coletividades de bairro, profissão, religião, raça, sexualidade, geração, região ou movimento social. Essas posições

podem se reforçar ou entrar em tensão. Dutra e Martins (2025) alertam para os riscos de essencializar a cultura surda e lembram que sujeitos surdos são plurais e heterogêneos. Em vez de imaginar cultura como um conjunto fixo de características, torna-se mais produtivo analisá-la como prática: aquilo que se produz em encontros, narrativas, eventos, escolhas linguísticas, artes, lutas políticas e relações cotidianas.

O estudo de Silva (2026) sobre variação de compostos em Libras entre jovens homens e mulheres de Macapá também contribui para compreender língua e identidade como fenômenos sociais. O autor observa que idade, gênero e outros fatores sociais podem condicionar escolhas lexicais, reforçando que a Libras, como qualquer língua viva, apresenta heterogeneidade e mudança. Esse dado é importante para o debate sobre masculinidades porque mostra que gênero não está fora da língua: ele pode participar das práticas linguísticas e das formas pelas quais grupos sinalizantes se diferenciam. Não se trata de afirmar uma “linguagem masculina surda” homogênea, mas de reconhecer que repertórios linguísticos também são atravessados por posições sociais.

Pensar homens surdos requer tratar masculinidade no plural. A expressão “masculinidades” permite reconhecer que não há uma única forma de ser homem, mas diferentes modos de construir e performar posições masculinas em contextos históricos e culturais determinados. Entre homens surdos, essas formas são atravessadas por experiências

linguísticas e visuais, pelo acesso ou não à comunidade surda, pelas relações familiares, pela escolarização, por raça, sexualidade, classe, geração e território. Uma leitura que atribua a todos os homens surdos as mesmas características repetiriam justamente o tipo de homogeneização criticado pelos Estudos Surdos.

As normas hegemônicas de masculinidade costumam valorizar autonomia, força, controle emocional, firmeza e heterossexualidade, enquanto desqualificam expressões associadas à vulnerabilidade, feminilidade ou dissidência sexual. Em contextos marcados por capacitismo e audismo, homens surdos podem ser confrontados com expectativas contraditórias: de um lado, são pressionados a corresponder ao ideal de autonomia masculina; de outro, barreiras de comunicação e representações de deficiência podem colocá-los socialmente em posições de tutela ou infantilização. A análise precisa, portanto, considerar como gênero e surdez se articulam, sem presumir que uma dimensão simplesmente se sobreponha à outra.

Oliveira e Stella (2025) oferecem um material particularmente importante ao investigar sinais da Libras usados para se referir a homens cisgêneros heterossexuais e gays. Os autores mostram que determinados sinais mobilizam valores que associam a heterossexualidade a correção e firmeza, enquanto a homossexualidade pode ser marcada por sentidos pejorativos. Em um dos momentos da análise, a figura do homem cis-hétero é vinculada

ao “homem de verdade, aquele que não cede” (Oliveira; Stella, 2025, p. 18). Essa formulação explicita a existência de um padrão de masculinidade no qual ser homem é confundido com ser firme, heterossexual e não associado ao feminino.

Os autores detalham como essa hierarquia é produzida linguisticamente:

Dessa maneira, ao ser adicionado o sinal de firme, sugere-se que caso o homem não-cis e não-heterossexual integre a categoria homem, este não seria um homem firme, um homem de verdade. Seria um homem entre muitas aspas, isto é, aquele que cedeu, um homem mole, fraco, os antônimos dos termos utilizados para qualificar o homem-cis-hétero. [...] Seriam pessoas que não seguem o roteiro pré-estabelecido socialmente do que deve ser um homem, que não apresentam as características típicas de um homem (Oliveira; Stella, 2025, p. 19).

A masculinidade não é apenas uma identidade individual, mas uma norma social que estabelece fronteiras de reconhecimento. Ao qualificar certo homem como “firme”, cria-se simultaneamente um exterior: aquele que não corresponde ao padrão e pode ser percebido como menos homem. Essa dinâmica é especialmente relevante para homens surdos gays, bissexuais, trans ou outras identidades não hegemônicas, porque demonstra que o pertencimento à comunidade surda não elimina automaticamente discursos heteronormativos. As formas de exclusão podem atravessar também práticas linguísticas e

relações internas, exigindo leituras críticas que reconheçam diversidade sexual e de gênero dentro das comunidades surdas.

O mesmo estudo mostra que os sentidos atribuídos aos sinais são produzidos em relações sociais e podem reproduzir valores opressores. Isso reforça a necessidade de evitar uma visão idealizada da língua de sinais como espaço exclusivamente emancipatório. A Libras é fundamental para a constituição identitária e para a resistência ao audismo, mas, por ser língua de uma sociedade concreta, também participa de disputas ideológicas. Os sujeitos podem reproduzir, negociar ou contestar sentidos ligados a masculinidade, sexualidade e poder. Nesse aspecto, a formação identitária masculina surda inclui tanto a apropriação da língua como instrumento de pertencimento quanto a capacidade de refletir criticamente sobre os valores que nela circulam.

Além da sexualidade, outros marcadores interferem na forma como masculinidades são reconhecidas. Um homem surdo negro pode lidar simultaneamente com racismo, capacitismo e expectativas de masculinidade racializadas; um homem surdo de classe popular pode experimentar inserção no trabalho e acesso educacional de modo distinto de um homem surdo com trajetória universitária; um jovem pode construir repertórios identitários fortemente mediados por redes sociais digitais, enquanto um homem mais velho pode ter vivido períodos de menor reconhecimento da Libras. A categoria “homens

surdos” é, portanto, um ponto de partida analítico e não uma identidade única.

Também é necessário problematizar expectativas de invulnerabilidade emocional. Quando masculinidade é associada ao silêncio de sentimentos, à autossuficiência e ao controle, homens podem encontrar dificuldade para expressar medo, frustração, afeto ou necessidade de apoio. Em contextos de barreiras comunicacionais, essa dificuldade pode ser ampliada, pois a ausência de interlocução acessível reduz oportunidades de elaborar experiências. Por isso, as pesquisas sobre vínculos entre pessoas surdas são valiosas para o debate de gênero: elas mostram que relações em Libras podem favorecer confiança, apoio emocional e reconhecimento, abrindo espaço para modos de masculinidade que não dependam da negação do cuidado.

As narrativas de Deaf Gain também contribuem para reorientar a discussão. Martins, Martins e Lima (2025) descrevem a comunidade surda como território de cuidado e reconhecimento mútuo e destacam que a experiência visual e coletiva pode transformar a diferença em potência. Quando os autores afirmam que “amar, pertencer e rir em grupo são atos políticos” (Martins; Martins; Lima, 2025, p. 17), oferecem uma chave importante para pensar masculinidades surdas: afetividade e pertencimento não precisam ser tratados como opostos

da masculinidade, mas podem compor formas éticas de existência e resistência.

A formação identitária não ocorre apenas em discursos abstratos sobre cultura e gênero; ela é produzida nas situações cotidianas em que o sujeito é acolhido, ignorado, reconhecido, constrangido, compreendido ou obrigado a se adaptar. As amizades, os encontros comunitários, os espaços educacionais e as redes digitais podem funcionar como lugares onde homens surdos experimentam diferentes modos de ser e de se relacionar. Ildebrand e Souza (2026) mostram que, entre adultos surdos usuários de Libras, comunicação, confiança e apoio emocional ocupam posição central na qualidade das amizades, enquanto barreiras linguísticas nas relações com ouvintes podem gerar frustração e distanciamento.

Esse dado ajuda a compreender por que pertencimento não é um conceito meramente simbólico. Pertencer envolve ter condições concretas de participar de conversas, compreender nuances, expressar humor e afeto, discutir problemas e construir intimidade. Para homens surdos, a possibilidade de se comunicar sem precisar “traduzir a si mesmos” continuamente pode ampliar o repertório de experiências relacionais e reduzir o esforço de adaptação. A língua compartilhada cria um campo em que a subjetividade pode circular de modo mais completo, o que repercute na autoestima, na confiança e na maneira de se posicionar em outros espaços sociais.

Na síntese de seus resultados, Ildebrand e Souza associam amizade, Libras e formação subjetiva de maneira explícita:

As amizades entre pessoas surdas são moldadas por fatores afetivos, linguísticos, culturais e multimodais, sendo vividas como espaços de cuidado e resistência. A Libras emerge como elemento central tanto para a constituição da subjetividade quanto para a manutenção de vínculos (Ildebrand; Souza, 2026, p. 14).

A importância desse argumento para o estudo de masculinidades está na possibilidade de compreender amizade e cuidado como dimensões formadoras da identidade masculina, e não apenas como aspectos secundários da vida social. Em grupos de homens, práticas de humor, aconselhamento, circulação de informações, esportes, viagens, trabalho e convivência podem produzir referências sobre o que significa ser homem. Quando essas interações ocorrem em Libras, agregam uma dimensão de conforto linguístico e de reconhecimento da experiência surda. A forma como cada grupo negocia vulnerabilidade, sexualidade, paternidade, trabalho ou conflitos pode contribuir para consolidar ou transformar modelos de masculinidade.

Martins, Martins e Lima (2025, p. 16-18) apontam que a comunidade surda pode operar como território de cuidado, confiança e reconhecimento mútuo. Em suas análises, o afeto não aparece como elemento oposto à resistência política, mas como uma de suas formas.

O compartilhamento de experiências permite transformar isolamento em vínculo e diferença em conhecimento coletivo. Essa leitura é produtiva para homens surdos porque questiona simultaneamente o audismo — que desvaloriza a experiência surda — e a masculinidade hegemônica — que frequentemente desvaloriza a expressão emocional e a interdependência.

As associações e organizações surdas também podem contribuir para esses processos ao oferecer espaços recorrentes de convivência. Silveira, Branco e Macario (2025) lembram que tais entidades historicamente organizam encontros, cursos, atividades culturais e movimentos políticos. Nesses ambientes, homens de diferentes idades podem encontrar referências adultas, observar trajetórias profissionais e familiares, construir redes de apoio e participar de mobilizações. A circulação entre gerações é relevante porque a identidade se forma também pela comparação com futuros possíveis: conhecer outros homens surdos em posições diversas amplia o horizonte de expectativas sobre trabalho, estudo, liderança, vida afetiva e participação social.

As redes digitais acrescentam novas possibilidades de pertencimento, especialmente para sujeitos que vivem em municípios com pequena presença de pessoas surdas. Ildebrand e Souza (2026, p. 13) observam que tecnologias com suporte a vídeo podem facilitar a continuidade de amizades e vínculos em Libras. Para homens surdos,

redes sociais também podem ampliar contato com debates sobre masculinidades, sexualidades, relações raciais e movimentos surdos, tornando acessíveis repertórios que não estão presentes em seus ambientes locais. Ao mesmo tempo, os espaços digitais podem reproduzir preconceitos, discursos de ódio e padrões hegemônicos de masculinidade, o que reafirma a necessidade de uma leitura crítica das formas contemporâneas de sociabilidade.

O reconhecimento recebido nas relações próximas influencia a possibilidade de o sujeito construir uma autoimagem positiva. Quando a surdez é tratada apenas como incapacidade ou quando a comunicação é constantemente interrompida, a experiência relacional tende a ser marcada por assimetria. Quando a diferença linguística é reconhecida e a interação ocorre de forma recíproca, tornam-se possíveis vínculos mais horizontais. Isso não elimina desigualdades estruturais, mas cria espaços nos quais o homem surdo pode exercer agência, narrar a própria experiência e receber validação sem precisar negar sua língua ou sua diferença.

Uma abordagem consistente sobre homens surdos precisa rejeitar a ideia de que surdez seja o único marcador relevante de suas trajetórias. As experiências identitárias são atravessadas por raça, sexualidade, classe, geração, território, religião, escolarização e outras posições sociais. Dutra e Martins (2025, p. 220) enfatizam que os surdos são sujeitos plurais e heterogêneos e apontam a necessidade de

aprofundar as interseções entre surdez, gênero, geração, etnia e classe social. Essa indicação é fundamental porque impede que a categoria “homem surdo” seja construída a partir de um sujeito implícito — por exemplo, branco, heterossexual, cisgênero, urbano e de classe média — apresentado como se representasse todos.

A pesquisa de Barros, Pereira e Reis (2024) permite visualizar como diferentes dimensões identitárias podem ter condições desiguais de desenvolvimento. Ao analisar estudantes negros surdos, os autores observam que os espaços de fortalecimento da identidade surda nem sempre oferecem a mesma profundidade de debate sobre raça. Um participante relata que seu reconhecimento como surdo se fortaleceu no curso de Letras-Libras, enquanto os conhecimentos sobre identidade negra foram buscados também em redes sociais, palestras e amizades. A experiência demonstra que pertencimentos não se consolidam necessariamente no mesmo lugar nem ao mesmo tempo.

Os autores sintetizam o papel da coletividade na construção de identidades:

No caso de pessoas negras, não se reconhecer dentro de um grupo, enquanto parte constitutiva de uma história coletiva, que tem como foco a raça pode dificultar o seu pertencimento e/ou a construção de uma consciência racial. Acreditamos que os indivíduos constituem sua identidade a partir das configurações que os unem e os identificam na sociedade. Participantes de uma comunidade se sentem identificados com as idiossincrasias de seu povo, sua cultura e sua língua e,

com isso, passam a construir sua identidade. (Barros; Pereira; Reis, 2024, p. 224).

O argumento pode ser estendido, com cautela, para pensar outros marcadores. Um homem surdo gay pode encontrar forte pertencimento linguístico em uma comunidade surda e, simultaneamente, enfrentar homofobia em determinados espaços dessa mesma comunidade. Um homem negro surdo pode reconhecer-se culturalmente como surdo, mas ter suas experiências raciais pouco discutidas em instituições educacionais. Um homem trans surdo pode encontrar barreiras relacionadas ao gênero e à acessibilidade linguística de forma articulada. O ponto central é que nenhuma dessas dimensões deve ser analisada isoladamente quando a questão é compreender experiências concretas.

O estudo de Oliveira e Stella (2025) evidência de modo direto a intersecção entre surdez, língua, sexualidade e masculinidade ao mostrar que sinais usados para nomear homens gays podem carregar sentidos homofóbicos e heteronormativos. A existência de uma língua compartilhada e de uma cultura surda não neutraliza automaticamente hierarquias de gênero e sexualidade. Por isso, fortalecer identidades surdas precisa caminhar junto ao reconhecimento da diversidade interna. Uma política de pertencimento que acolha a diferença linguística, mas exclua masculinidades dissidentes, permanecerá incompleta.

Também a geração interfere na formação identitária. Homens que cresceram antes da ampliação do reconhecimento legal da Libras tiveram trajetórias educacionais e oportunidades de acesso linguístico diferentes das vividas por jovens que hoje encontram cursos de Letras-Libras, redes sociais com vídeos sinalizados e maior visibilidade pública de sujeitos surdos. Silva (2026) mostra que idade e gênero podem participar de padrões de variação linguística, evidenciando o caráter dinâmico das práticas sinalizadas. Em termos identitários, isso sugere que repertórios de masculinidade e pertencimento também se transformam entre gerações e territórios.

Classe social e escolarização também merecem atenção. A possibilidade de frequentar universidade, participar de congressos, viajar para eventos da comunidade surda ou acessar tecnologias de vídeo depende de recursos e políticas de acessibilidade. Essas desigualdades interferem nos repertórios identitários disponíveis. Não se deve, portanto, transformar experiências de homens surdos com alta escolarização em modelo universal. A diversidade de trajetórias exige incluir sujeitos com diferentes níveis de escolaridade, ocupações, regiões e condições econômicas em pesquisas futuras.

A pluralização das identidades masculinas surdas exige ainda reconhecer que masculinidade pode ser ressignificada por experiências de cuidado e coletividade. Os estudos de Ildebrand e Souza (2026) e Martins, Martins e Lima (2025) mostram que relações

acessíveis em Libras fortalecem afeto, confiança, reconhecimento e pertencimento. Em vez de conceber tais dimensões como incompatíveis com ser homem, é possível entendê-las como recursos para masculinidades que valorizem reciprocidade e responsabilidade comunitária. Esse deslocamento não elimina estruturas de poder, mas amplia as possibilidades de existência e de elaboração de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo permite concluir que os processos de formação identitária de homens surdos não podem ser explicados por uma única variável. Ser homem e ser surdo constitui uma experiência produzida em relações nas quais língua, cultura, gênero, sexualidade, raça, classe, geração, território e trajetória educacional se articulam. Por essa razão, a categoria “homens surdos” deve ser utilizada de modo plural, evitando a criação de um sujeito universal que apague diferenças internas e desigualdades entre trajetórias.

A Libras aparece como dimensão estruturante desses processos porque amplia as condições de expressão, participação, reconhecimento e construção de vínculos. O contato com pares surdos, associações, espaços educacionais bilíngues e redes digitais pode favorecer o fortalecimento de uma identidade surda positiva e oferecer referências adultas variadas. O pertencimento comunitário, contudo,

não é automático nem homogêneo. Ele é produzido por práticas concretas de convivência e pode coexistir com conflitos relacionados a gênero, raça, sexualidade e outras posições sociais.

No campo das masculinidades, os materiais analisados mostram que normas heteronormativas podem circular pela linguagem e hierarquizar diferentes modos de ser homem. A associação entre masculinidade, firmeza, força e heterossexualidade pode posicionar homens gays e outras masculinidades dissidentes como menos legítimos. Reconhecer esse processo é necessário para que a valorização da cultura surda não seja acompanhada pela reprodução acrítica de padrões excludentes. A luta contra o audismo e o capacitismo precisa dialogar com o enfrentamento do racismo, da homofobia, da transfobia e das desigualdades de classe.

Em contrapartida, as pesquisas sobre sociabilidade, amizade e Deaf Gain evidenciam recursos importantes para a construção de outras masculinidades. Relações em Libras podem constituir espaços de cuidado, confiança, humor, troca de experiências e reconhecimento mútuo. Esses vínculos questionam a ideia de que masculinidade deva ser definida pela autossuficiência ou pelo distanciamento afetivo. Ao reconhecer afeto e pertencimento como dimensões políticas e identitárias, torna-se possível imaginar modos de ser homem surdo que integrem vulnerabilidade, reciprocidade e compromisso coletivo.

Outro resultado importante é a necessidade de aprofundar abordagens interseccionais. A experiência de um homem surdo negro, gay, trans, indígena, periférico, idoso ou jovem não pode ser presumida a partir de estudos que tratem a comunidade surda como um bloco uniforme. Pesquisas futuras podem privilegiar narrativas produzidas diretamente em Libras por homens surdos de diferentes regiões, gerações, sexualidades, raças e classes, investigando como constroem sentidos sobre corpo, trabalho, paternidade, afetividade, violência, cuidado e participação comunitária. Tal agenda pode ampliar os Estudos Surdos e, simultaneamente, contribuir para os estudos de gênero e masculinidades.

Por fim, compreender homens surdos em seus processos de formação identitária significa reconhecer a surdez como experiência linguística e cultural sem convertê-la em essência única. Significa também compreender masculinidade como construção histórica passível de contestação e mudança. Entre pertencimentos, tensões e deslocamentos, sujeitos surdos produzem maneiras próprias de narrar suas vidas e de ocupar o mundo. Valorizar essa pluralidade é condição para uma leitura que não fale sobre homens surdos a partir de modelos prontos, mas reconheça sua agência na produção de identidades, culturas, relações e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Rafaela de Alcântara; PEREIRA, Clayton Márcio Hermes; REIS, Maria da Conceição dos. Experiências educativas de pessoas negras surdas sob uma perspectiva afrocentrada: um caminho de possibilidades. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 29, n. 66, p. 209-230, maio/ago. 2024. DOI: 10.20435/serieestudos.v29i66.1910. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serieestudos.v29i66.1910>. Acesso em: 8 jul. 2026.
- BEZERRA, Daiane Araújo Avelino; ALVES, Cláudia Lúcia; ALVES, Claudilene de Sousa. A identidade surda e educação inclusiva: destacando a integração da memória coletiva e da diferença cultural. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 2, p. 386-400, ago./dez. 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i2.635. Disponível em: <https://doi.org/10.46636/recital.v7i2.635>. Acesso em: 14 jul. 2026.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida; MARTINS, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp. Cultura e cultura surda: algumas reflexões antropológicas. **Revista Mundaú**, Maceió, n. 18, p. 206-223, 2025. DOI: 10.28998/rm.2025.n.18.17474. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2025.n.18.17474>. Acesso em: 27 jul. 2026.
- ILDEBRAND, Isaías dos Santos; SOUZA, Luciana Karine de. Relações de amizade e experiências socioemocionais no contexto da surdez: um relato de pesquisa com adultos surdos usuários de Libras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 32, e0247, p. 1-18, 2026. DOI: 10.1590/1980-54702026v32e0247. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702026v32e0247>. Acesso em: 2 set. 2026.

MARTINS, Francielle Cantarelli; MARTINS, Antonielle Cantarelli; LIMA, Rai Leon Souza de. Ganho Surdo: dimensões do Deaf Gain nas narrativas de pessoas surdas. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 10, n. 2, p. 23-40, 2025. DOI: 10.70678/refami.v10i2.1425. Disponível em: <https://doi.org/10.70678/refami.v10i2.1425>. Acesso em: 5 set. 2026.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Matias de; STELLA, Paulo Rogério. Entre mãos e sentidos: circulação de discursos homofóbicos em sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 19, e019032, p. 1-34, 2025. DOI: 10.14393/DLv19a2025-32. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DLv19a2025-32>. Acesso em: 7 set. 2026.

PEREIRA, Maria Silvia; PALAVISSINI, Clarice Fabiano Costa; SANTOS, Shirley Voigt Ribeiro dos; VIEIRA, Raquel dos Santos; MENDES, Maria Daniela. A língua de sinais e a construção da identidade surda: cultura, educação e inclusão social. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 32, n. 63, p. 242-263, jan./jun. 2025. DOI: 10.48075/5kdesw04. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/5kdesw04>. Acesso em: 9 set. 2026.

RIBEIRO, Floriete Assunção; CARVALHO, Márcia Monteiro. As identidades e culturas nas comunidades surdas: uma visão socioantropológica da surdez. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 10, n. 2, p. 115-132, 2025. DOI: 10.70678/refami.v10i2.1422. Disponível em: <https://doi.org/10.70678/refami.v10i2.1422>. Acesso em: 10 set. 2026.

SILVA, Fernando Fernandes da. Variação de compostos morfológicos de jovens homens e mulheres em compostos da Libras na cidade de Macapá, AP. **Letras Tucuju**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 33-51, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.21907452. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21907452>. Acesso em: 11 set. 2026.

SILVEIRA, Carolina Hessel; BRANCO, Bruna da Silva;
MACARIO, Renata da Silva. Os logotipos das associações de surdos
no Rio Grande do Sul: representações nos anos 2000. **Revista
Falange Miúda**, Garanhuns, v. 10, n. 2, p. 133-150, 2025. DOI:
10.70678/refami.v10i2.1407. Disponível em:
<https://doi.org/10.70678/refami.v10i2.1407>. Acesso em: 12 set. 2026.